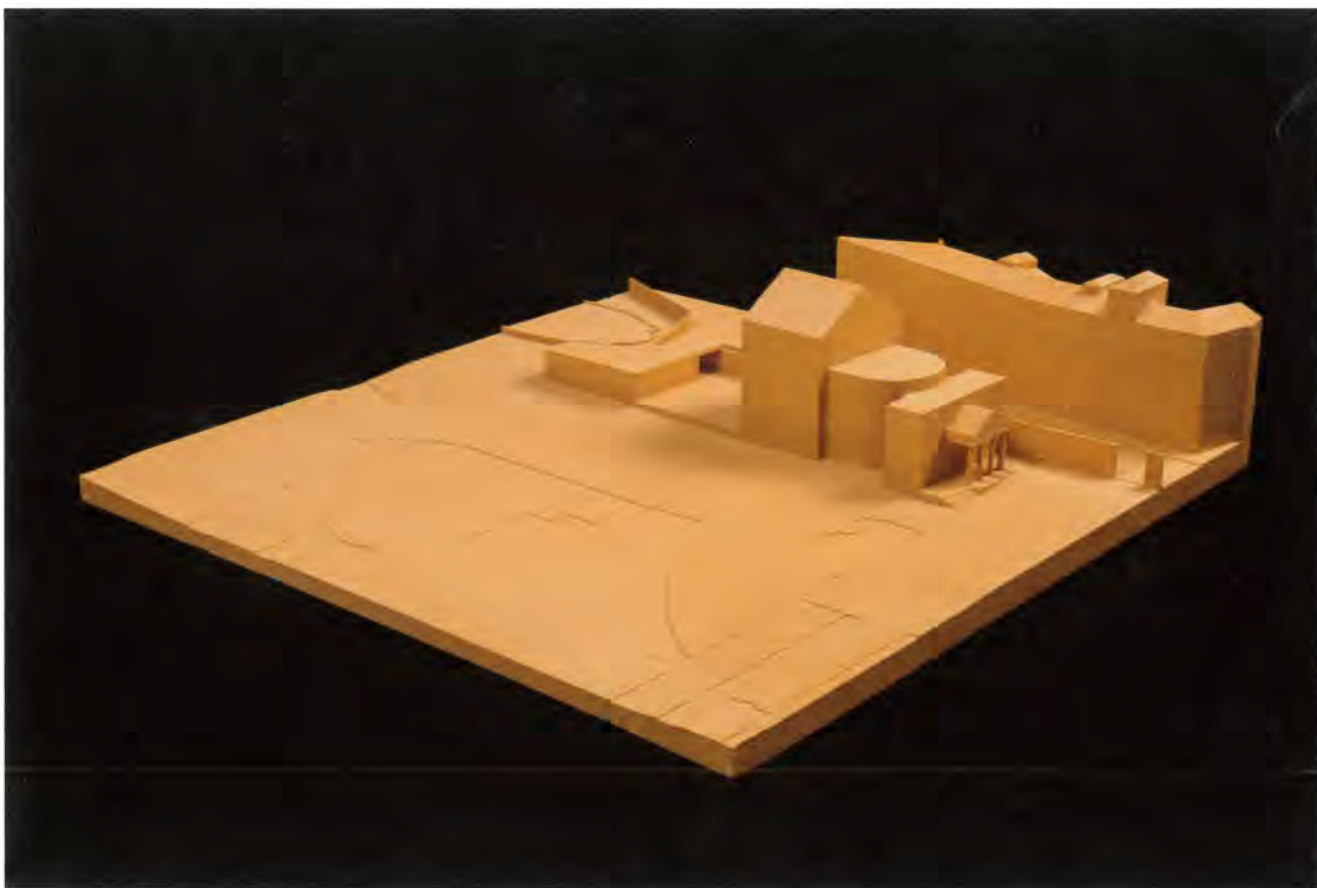


Teatro Thalia, Lisboa
 Thalia Theatre, Lisbon
Gonçalo Byrne, Barbas Lopes Arquitectos
 (Diogo Seixas Lopes, Patrícia Barbas)



Edificado nos anos 40 do século XIX, por encomenda de um excêntrico aristocrata, invulgar filantropo, amante de arte e de cultura, o Conde de Farrobo, o edifício do Teatro Thalia, construído para seu próprio deleite, encontra-se hoje numa situação de curiosa inserção no tecido urbano de Lisboa: está implantado na fronteira entre a envolvente bucólica dos jardins do Jardim Zoológico e a malha contínua dos quarteirões que fazem a frente da Estrada das Laranjeiras.

A reconstrução do edifício, cujo projecto se iniciou em 2008 e cuja construção terminou em 2012, foi concebida e desenvolvida por uma parceria incomum e transgeracional entre o celebrado e sénior arquitecto Gonçalo Byrne e o jovem ateliê Barbas Lopes, formado pelo casal de arquitectos Patrícia Barbas e Diogo Seixas Lopes, ambos nascidos no início dos anos 1970.

A improvável parelha assinou um projecto idiosincrático, afastado dos habituais cânones da recuperação e da reconstrução do património edificado. Logo num primeiro momento, perante a monumentalidade da fachada de inspiração neo-clássica, o projecto enfatiza o seu lado performativo, tornando o primeiro pano de recuperação numa narrativa arquitectónica da composição.

A simetria é exposta, abrindo em vidro, com os vãos protegidos pelo pórtico de frontão e colunata e fechando todas as janelas do alçado, que se torna um pano em volume, de acesso à construção. Uma fachada falsa, uma espessura tectónica que transfere o exterior para a caverna do espaço teatral. No entanto, este espaço é habitável e tem luz natural, vinda da sua lateral superior. A manipulação composicional prossegue assim desassombradamente para o interior da fachada tornada vestíbulo, utilizando apenas uma janela existente na superior lateral para iluminar o compartimento, transformando deste modo a janela num lanternim que inicia a dramatização espacial ou a experiência perceptiva que os arquitectos propõem para a reapropriação do edifício secular. Para lá do cenário neo-clássico tornado monumento arquitectónico, o percurso de acesso à nave principal é efectuado por uma *loggia* lateral que atira o edifício para a rua, concretizando uma frente urbana de escala doméstica, com uma linguagem seriada, realizada por uma fachada-cortina totalmente envidraçada que estabelece

uma relação de absoluta e radical continuidade entre a estrada e o cenário “fossilizado” do teatro.

A nave central do pequeno teatro permanece inerte no tempo do seu desastre e da sua ruína, exposta na sua matéria construtiva e na pequena escala da fragilidade da junta de alvenaria que adquire agora uma permanência consolidada sobre e sob a pesada espessura do betão terracota que envolve a geometria da forma original (ou a memória dela) e lhe devolve a aristocracia volumétrica. No ângulo superior do espaço central abre-se uma fenda triangular que, por um momento, destaca a nova construção da ruína desfazendo a ambiguidade temporal que toda a intervenção propõe, e atribuindo ao espaço um ponto de luz de intensidade cénica, quase religiosa. Neste quadro não existe a dialéctica forma/função, pelo menos numa perspectiva da sua clareza ortodoxa, antes a perspectiva (geométrica) de que as formas e as funções são voláteis e permeáveis ao(s) tempo(s) e que o tempo também é um quadro histórico com limites indefinidos e formas que se permitem fundir e mesmo diluir, para provocar a arquitectura como espaço físico e psicológico com relações diversas: cidade, monumento, opacidade, transparência, bucólico, urbano, forma, textura, geometria, história, estilo, anonimato.

A transformação do Teatro Thalia proposta, reveste-se assim de uma complexidade formal e conceptual inusitadas para o padrão da “intervenção patrimonial”. Sem preconceitos, nem cartas, revitaliza de facto o edifício, transfigurando-o. A obra é uma imagem muito forte e sólida, alicerçada na segurança conceptual dos seus autores e na gestão inteligente da diversidade dos seus talentos, com destaque para o saber histórico e a experiência firmada do arquitecto Gonçalo Byrne, a intuição sensorial de Patrícia Barbas e a erudição analógica de Diogo Seixas Lopes, lamentavelmente desaparecido prematuramente, mas cuja memória a audácia deste edifício celebra intemporalmente, pois a intemporalidade transformou-se na sua maior qualidade.



Built in the 1840s at the behest of the eccentric aristocrat, sometime philanthropist, art-lover and cultural devotee the Count of Farrobo, the Thalia Theatre building, created for his own enjoyment, is today plumped down in a somewhat inauspicious position in Lisbon's dense urban fabric, straddling the boundary between the bucolic gardens of the city's zoo and the serried ranks of high-rise blocks that line the Estrada das Laranjeiras.

The reconstruction of the building as part of a project that began in 2008 and was completed in 2012 was conceived and developed by an unusual, cross-generational partnership between the renowned seasoned architect Gonçalo Byrne and the up-and-coming Barbas Lopes studio, run by the architect couple Patrícia Barbas and Diogo Seixas Lopes, both born in the early 1970s.

This unlikely pairing came up with a idiosyncratic design that marked a departure from the conventional canon of approaches to restoring and reconstructing heritage buildings. The building announces its performative nature at very first glance with the monumentality of its Neo-

Classical-inspired façade, which was the first port of call for restoration in this narrative of architectural composition.

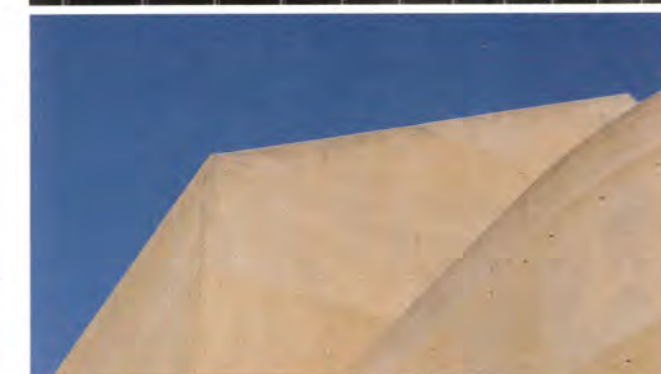
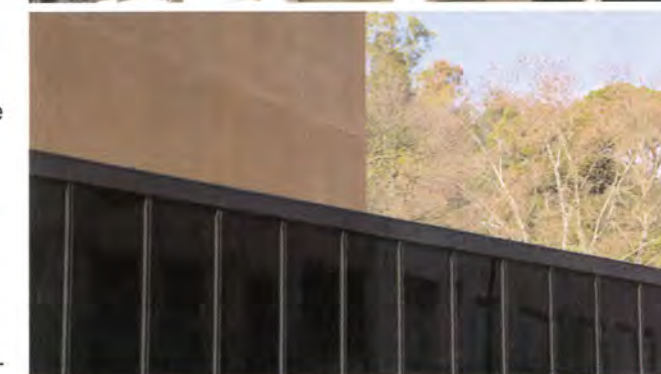
The symmetry is laid bare, opened up by the glass, with the spans protected by the pediment-topped, columned portico, enclosing all of the windows on this elevation and turning a backdrop into a form with depth, while providing access to the building. It is a false façade, a tectonic thickness that transports the exterior into the cavern of the theatre space. Yet this space is inhabitable and filled with natural light cast from the top of the side walls. The manipulation of composition extends boldly into the interior of the façade-turned-vestibule, using only an existing window at the upper end of the side wall to illuminate the space, transforming the window into a skylight that introduces a sense of drama to the space and sparks the perceptive experience intended by the architects in this reappropriation of a secular building. Aside from this Neo-Classical scene turned architectural monument, the access route to the main nave is achieved by the creation of a

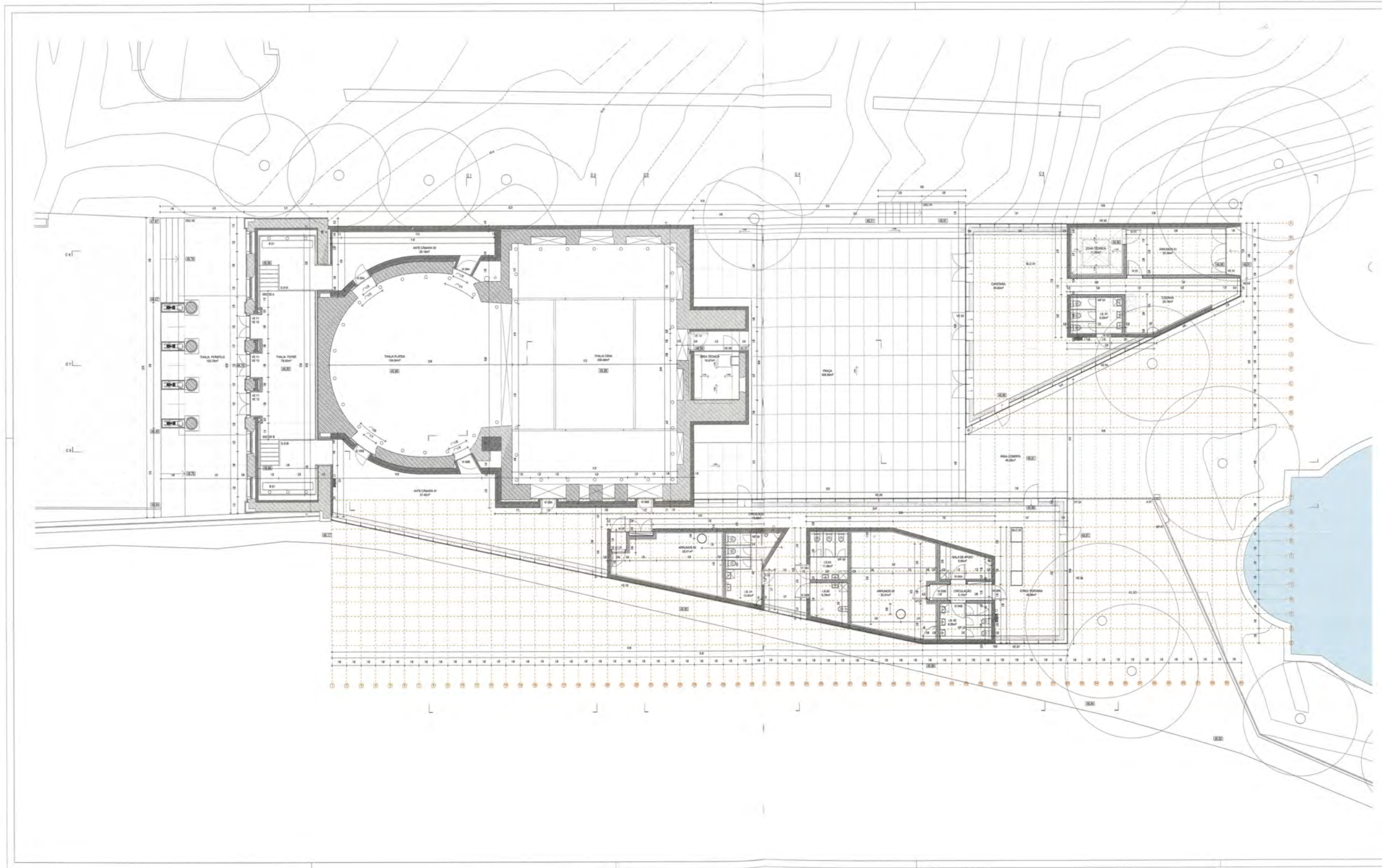
side loggia that projects the building out to the street, creating an urban frontage on a domestic scale. Its style relies on a certain sequencing fashioned by an all-glass curtain-like façade, establishing a relationship of absolute and radical continuity between the road and the 'fossilised' set of the theatre.

The central nave of the little theatre remains frozen in time, at the moment of its devastation and ruin, with its construction materials exposed, while the diminutive fragility of its masonry now attains consolidation and permanence above and beneath the weight of the thick terracotta concrete that surrounds the lines of the original form (or its memory) and restores its volumetric sophistication. In the upper corner of the central space is a triangular slit that momentarily highlights the new construction of the ruin, unravelling the temporal ambiguity proposed by the whole intervention, and granting the space a source of light with a scenic, almost religious intensity to it. Here there is no form/function dialectic, at least in terms of orthodox clarity, but rather the (geometric) perspective that the forms and functions are volatile and permeable to the past and the present, and that time itself provides a historical framework with undefined limits and forms that may merge into one another or even dissolve altogether, creating architecture as a physical and psychological space with various ongoing relationships: city, monument, opacity, transparency, bucolic, urban, form, texture, geometry, history, style, anonymity.

The proposed transformation of the Thalia Theatre thus exhibits a formal and conceptual complexity that is unprecedented among standard approaches to intervening in heritage buildings. It casts aside all prejudice and diktats to completely revitalise the building, transfiguring it in the process. The work has a very strong, solid look, underpinned by the conceptual self-assurance of those behind it and the intelligent way in which they pooled their diverse talents, harnessing the historical knowledge and long experience of the architect Gonçalo Byrne, the sensorial intuition of Patrícia Barbas and the analogical erudition of Diogo Seixas Lopes, who sadly died young, but whose memory is permanently celebrated in the audacity of this building, where its timelessness has now become its foremost attribute.

Nuno Cera
Video monocal
Single-channel video
9' loop
2018





REV. DATA. ASSUNTO. APROVADO.

NOTA

1. A DIMENSÃO DOS ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO APRESENTADOS NOS DESENHOS DE FORMAÇÃO DEPARTAMENTO DE DESENHO DE ARQUITECTURA NÃO DEVE SER USADA COMO ESCALA DE DIMENSÃO E ESCALA 1:1.

2. TODAS AS COTAS SÃO COMPARADAS EM OBRAS, DEVENDO RESPECTAR TODAS AS ALTERNATIVAS DESENHADAS E TODAS AS ALTERNATIVAS DE ACABAMENTOS.

3. A SEMELHANÇA DE CONSTRUÇÃO, SEM COMO AS ESTRUTURAS DAS ALTERNATIVAS DE ACABAMENTOS E TENDAS DE COBERTURA DE OBRAS.

4. TODAS AS COTAS PLUMBOMETRICAS E ALTIMETRICAS DEVEM RESPECTAR OS DESENHOS CONSTANTES DO PLANO DE ALVENARIAS E DESEIGNAÇÃO E PROSECUÇÃO DAS ALTERNATIVAS DE ACABAMENTOS REPRODUZIDAS EM OBRAS, INTERNA OU PARCIALMENTE SEM A AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DO DESENHADOR.

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE LEGISLAÇÃO DE VIGOR.

CLIENTE
SECRETARIA-GERAL DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

ARQUITECTURA
GONÇALO BYRNE ARQUITECTOS
BARBARA LOPES ARQUITECTOS

Parque e Estações
Instalações Técnicas
Instalações Eléctricas, Telecomunicações e Luminárias
Instalações Hidráulicas e Saneamento
Lote 21 - Técnico e Certificação Energética
Segurança Integrada e PIS

PROJECTO
Mestrado de Arquitetura Teoria Teórica

DIRECTOR DE PROJECTO
Pavão Barros

COLABORADORES
Ana Paula, Diogo Lopes, Filipa Mendes, Sérgio Mendes, Nuno Soares, João Paulo, Tiago Ribeiro, Luísa Martins, Maurício Martins, Tânia Roque

DATA
JUNHO 2009

DESIGNAÇÃO
DESENHO DE ARQUITECTURA

FASE DO PROJECTO
PIS

ESCALA
1:100

DESENHO Nº
TRALUAMSL1.1H1



